



ESTÃO VENDO

MINHA TELA

90°

45°

60°

45°

60°

45°

90°

Ensino de arte em tempos de pandemia:
experiências de ateliê na Escola de Artes Fritz Alt
[EAFA]

Art teaching in pandemic times: studio art classes
experiences at Fritz Alt Art School [EAFA]

Juliana Rossi Gonçalves¹

Taiza Mara Rauen Moraes²

1. Doutoranda em Patrimônio Cultural e Sociedade, com bolsa CAPES-PRO-SUC, e Mestra em Educação pela Universidade da Região de Joinville. Especialista em Arte-Educação pela Faculdade Pe. João Bagozzi (Curitiba/PR) e licenciada em Artes Visuais na UNIVILLE. Artista visual e professora de Desenho e Pintura na Escola de Artes Fritz Alt, na Casa da Cultura Fausto Rocha Júnior, em Joinville/SC. Integrante do Grupo de Pesquisa Imbricamentos de Linguagens (CNPq). E-mail: julirossi@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5314-9218>.

2. Doutora e Mestre em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Possui graduação em Letras pela Universidade do Contestado (UnC). Professora titular da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, no Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade e no curso de Licenciatura/Bacharelado em Letras. Coordena o projeto Deslocamentos de linguagens e interfaces culturais (DESLISE I /FAP UNIVILLE), e é líder do Grupo de Pesquisa Imbricamentos de Linguagens (CNPq). E-mail: moraes.taiza@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6389-1133>.

Resumo |

O texto relata uma experiência de um curso de ateliê *online* da Escola de Artes Fritz Alt (EAFA) de Joinville/SC, realizado durante a pandemia do coronavírus em 2020. As ações foram desencadeadas objetivando focar artistas mulheres nas artes visuais e produzir trabalhos artísticos sobre um tema lançado. Os temas propostos foram “pandemia”, “uso de tecnologias” e “liberdade”, por meio do estudo da vida e obra das artistas Remedios Varo, Yayoi Kusama e Hannah Höch. Os alunos foram instigados a escrever sobre o próprio trabalho, o que demonstrou ser uma eficiente estratégia pedagógica, pois através da escrita os alunos fizeram relações da vida e obra das artistas estudadas com problemáticas urgentes da contemporaneidade, como questões de gênero e a importância da ciência em tempos de pandemia. Os trabalhos resultaram em experiências artísticas reflexivas individuais e coletivas no ciberespaço. A estruturação das aulas do ateliê, a trajetória poética dos alunos e seus desdobramentos indicaram um percurso metodológico cartográfico manifestado em processos virtuais de ensinar e produzir arte na pandemia. O ensino remoto promoveu novas relações de ensino-aprendizagem e, apesar das constantes limitações e dificuldades impostas por essa modalidade, o ateliê potencializou a criatividade e abriu espaços de visibilidade para artistas mulheres.

Palavras-chave: Ateliê. Desenho. Pintura. Ensino das Artes Visuais. Ensino remoto.

Abstract |

The text reports the experience of an online studio art class experience at the Fritz Alt School of Arts (EAFA) in Joinville / SC, Brazil, carried out during the 2020 coronavirus pandemic. The actions were set to focus on the study of female visual artists and producing artistic works around a proposed theme. The suggested themes were “pandemic”, “use of technologies” and “freedom”, through the study of life and work of the artists Remedios Varo, Yayoi Kusama and Hannah Höch. The students were enticed to write about their own work, that shows to be a great pedagogical strategy, since through their writing they created relations on the life and work of the studied artists, with urgent contemporary discussions such as gender issues and the importance of science during a pandemic. The works resulted in reflective artistic experiences in cyberspace. The structuring of the studio art classes, the students’ poetic path and its developments pointed to a cartographic methodological path, expressed in virtual processes of teaching and producing art during the pandemic. Remote teaching provided new teaching-learning relations with students, and despite the constant limitations and difficulties imposed by this online teaching method, the online studio art classes boosted creativity and made it possible for female artists to become visible.

Keywords: Studio. Drawing. Painting. Visual Arts teaching. Remote teaching.

Introdução

Em 2020, a pandemia do coronavírus afetou toda a população mundial, exigindo novas formas de ensino-aprendizagem nas escolas. O momento demanda muita persistência e criatividade dos professores, que utilizam seus próprios recursos pessoais, como computador, *Internet*, luz e telefone, em prol da reestruturação e reorganização de seus planos de trabalho.

A Covid-19 é a doença respiratória causada pelo coronavírus com alta transmissibilidade e “[...] que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves” (BRASIL, 2020). A pandemia do vírus foi declarada em 11 de março de 2020 pela OMS (BBC NEWS BRASIL, 2020), devido a ocorrência de surtos localizados em diversas regiões e países do mundo ao mesmo tempo. Oito meses depois da declaração da OMS, a situação no mundo em novembro de 2020 é alarmante: mais de 49 milhões de infectados e 1,2 milhão de mortes (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2020). No Brasil, são mais de 5,5 milhões de infectados e mais de 160 mil mortes (CORONAVÍRUS//BRASIL, 2020). As principais medidas adotadas na tentativa de limitar a disseminação local, regional e mundial são a quarentena e o isolamento social.

No Brasil, uma das saídas encontradas para respeitar o isolamento social demandado pelo vírus foi a substituição das aulas presenciais nas escolas por aulas virtualizadas. No sul do país, em Joinville/SC, as escolas foram fechadas a partir do dia 18 de março de 2020. A Prefeitura Municipal e a Secretaria de Educação da cidade adotaram medidas para a continuação das aulas no município, por meio da implementação de uma Plataforma Educativa disponibilizada no site da prefeitura e também com o uso da ferramenta *Google Classroom*.

Em paralelo a esse cenário das escolas formais, os ateliês de desenho e pintura, as escolas de artes e de belas artes vêm repensando es-

estratégias para continuar o seu trabalho de ensino de técnicas e produção artística. A oferta de cursos online, via plataformas virtuais como *Zoom*, *YouTube* e *Google Meet* cresceu exponencialmente. Cursos de escolas de artes tradicionais que nunca haviam oferecido aulas de forma virtual repensaram suas práticas de ensino.

A Escola de Artes Fritz Alt - EAFA, escola de artes de educação não formal que oferece cursos de artes visuais para crianças e adultos, é administrada pela Secretaria de Cultura e Turismo - SECULT da cidade de Joinville (SC). Ativa há mais de cinquenta anos, recebe em média seiscentos alunos ao ano, e fica localizada dentro da Casa da Cultura Fausto Rocha Júnior - CCFRJ. Diferentemente da Secretaria de Educação, as instituições culturais ligadas à SECULT foram consideradas como “serviços não-essenciais” e, portanto, as aulas da EAFA foram suspensas no início da pandemia.

Apesar de um movimento organizado por trinta e nove professores da EAFA e da escola de música da CCFRJ, por meio de uma carta coletiva e um abaixo assinado digital se dispendo em continuar as aulas de forma virtual, os gestores decidiram pela não continuidade das aulas. Depois de pouco mais de um mês, com o agravamento da pandemia e sem perspectiva de retorno, o teletrabalho foi autorizado, para que todos os professores pudessem dar continuidade às suas aulas de forma virtual.

Nesse contexto pandêmico, o presente texto apresenta uma experiência de um curso de ateliê *online* oferecido pela EAFA durante a quarentena, cujas ações foram desencadeadas objetivando focar o estudo da vida e obra de artistas mulheres nas artes visuais e produzir trabalhos artísticos sob um tema lançado. O eixo estruturador do curso foi sustentado por duas questões motivadoras: Quais ferramentas são alavancadoras da prática artística do ateliê durante o período da pandemia? Como utilizar ferramentas virtuais para desencadear o processo de produção artística?

Experiências de ateliê *online* na Escola de Artes Fritz Alt

Dentro da EAFA, há o núcleo de “Desenho e Pintura”, que oferece os seguintes cursos anuais: Desenho Artístico, Pintura, Figura Humana, Ateliê e Pintura Mural. Para manter ativos esses cursos durante a pandemia, deu-se continuidade às aulas por meio do desenvolvimento de atividades virtualizadas.

O controle de frequência dos alunos, assim como a postagem de aulas, de conteúdo e de material didático estão sendo realizados via *Google Classroom*, um sistema de sala de aula online. Os professores da escola têm utilizado ferramentas como o *YouTube* para transmissões online de conteúdos e para postagem de videoaulas gravadas. As ferramentas utilizadas para comunicação direta com os alunos têm sido o aplicativo de mensagens instantâneas *Whatsapp*, além das ferramentas de comunicação por vídeo *Google Meet* e *Zoom*.

Devido à impossibilidade de continuação do curso de Pintura Mural de modo virtualizado, em julho/2020 a escola abriu uma nova turma de Ateliê com os alunos participantes dos outros cursos do núcleo de Desenho e Pintura.

Na EAFA, o curso do ateliê¹ propõe a experimentação de práticas artísticas com o intuito de estimular a atividade criativa e reflexiva do aluno por meio da execução de estudos. Machado (2020, p. 82) afirma que “o fazer artístico não se separa da produção reflexiva, sendo ambos geradores e formadores de conhecimento”.

O ateliê é um espaço de criação e experimentação. Porém, com a pandemia da COVID-19, esse espaço, que antes era físico e determinado através de limitações no tempo-espaço, tornou-se virtualizado, alteran-

1. O curso de ateliê será referenciado com a primeira letra minúscula, pois, além de fazer referência ao curso oferecido pela EAFA, mantemos uma concepção mais aprofundada de ateliê como espaço criativo.

do as estruturas de interação entre alunos, professores e colegas de classe. Segundo Lampert e Facco:

A metodologia operativa do ateliê pode instaurar processos e acender modos de operar a materialidade a partir da percepção, compreendendo o processo criativo como eixo para o ensino e a aprendizagem em Artes Visuais, em um formato aberto e coerente com a experiência e o processo formativo (LAMPERT; FACCO, 2018, p. 27).

Para instigar o processo criativo dos alunos, as ações pedagógicas foram desencadeadas a partir de uma parceria com a artista visual e fotógrafa Mariane Unlauf, que elaborou materiais didáticos dedicados à vida e obra de diversas artistas mulheres e produziu autorretratos (fig. 1) inspirados nessas artistas, postados em seu perfil artístico na rede social *Instagram*.



Figura 1. Autorretrato de Mariane Unlauf, inspirado na artista Yayoi Kusama, 2020. Além dos autorretratos, a artista produziu materiais didáticos sobre diversas artistas mulheres, utilizados nas aulas do ateliê online da EAFA. Fotografia digital. Fonte: acervo da artista.

Tanto o material didático quanto a produção artística da Mariane Unlauf serviram como inspiração aos alunos no estudo da vida e obra das artistas, e também para a produção de trabalhos artísticos a partir de um tema lançado a cada duas semanas. As artistas estudadas foram Remedios Varo, Yayoi Kusama e Hannah Höch.

Nove alunos adultos, na faixa etária dos dezoito aos setenta e um anos, integram a turma. Dentre eles, há alunos experientes que participam dos cursos há mais de três anos, e alunos novos, que ingressaram nos cursos em março de 2020, tiveram poucas aulas e logo foram surpreendidos com a suspensão das atividades presenciais devido à pandemia.

O processo de ensino-aprendizagem ocorreu seguindo um cronograma de atividades dividido em duas semanas para cada artista e temática propostos: na primeira semana, foi estudado o material didático com conteúdo escrito, além de vídeos e imagens da Internet, por meio de atividades assíncronas (postagem de conteúdos no *Google Classroom*) e síncronas (videochamadas e interação via grupo do *Whatsapp*). Os alunos participantes foram desafiados a escrever sobre suas produções artísticas – atividades geradoras de reflexões sobre os conceitos trabalhados – e como se processaram os diálogos com a vida e obra da artista estudada.

O curso, inicialmente, foi pensado para que os alunos produzissem trabalhos artísticos utilizando os materiais de desenho e pintura que normalmente já utilizavam de forma presencial, como o lápis, papel e tinta. Como foi a primeira experiência de ensino *online* na EAFA, a ideia era a de utilizar as ferramentas virtuais apenas como facilitadoras nesse processo. Mas, ao longo das aulas e da interação dos alunos, ficou perceptível o quanto as ferramentas digitais tornaram-se mediadoras e instigadoras do ensino da arte, em conjunto às ferramentas “analógicas” de produção artística. O digital e o analógico estão interligados em proces-

tos de individuação, pois, segundo Oliveira (2019), “O analógico amplia as possibilidades do digital e o potencializa para processos de virtualização que estão contidos nas indeterminações das máquinas. [...] O digital também expande experiências analógicas.” (OLIVEIRA, 2019, p. 3).

Nesse primeiro momento, os alunos enviaram à professora via *Google Classroom* (GC) suas ideias e esboços visuais (através de fotos de seus desenhos) e seus escritos sobre o processo artístico para a concepção do desenho ou pintura com a temática proposta (fig. 2). Nessa interação, a professora pôde orientar e intervir sobre os aspectos formais como luz e sombra, composição e proporção, tentando respeitar a ideia conceitual dos trabalhos enviados.

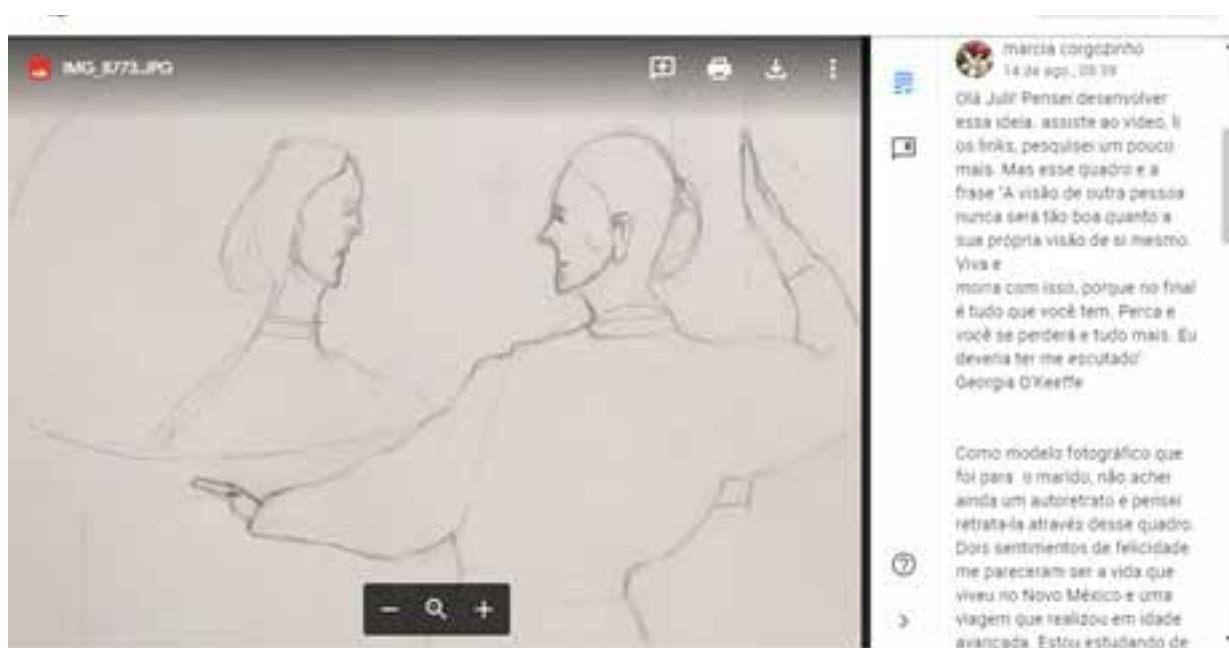


Figura 2. Print screen do Google Classroom. Etapa de envio de esboços e ideias de aluna a partir do estudo da vida e obra da artista Georgia O’Keeffe sob tema “felicidade”, de Marcia Suely Corgozinho Amaral, 2020. Desenho. Fonte: Acervo da aluna.

A partir das sugestões e correções (quando necessárias) feitas pela professora, na semana seguinte os alunos enviaram via GC os trabalhos finalizados, apresentando-os aos colegas em horário de aula.

O curso foi estruturado com uma programação flexível, sem conteúdos pré-estabelecidos, estratégia que viabilizou maior liberdade de tempo para cada proposta, em relação aos outros cursos do núcleo de Desenho e Pintura que possuem um programa curricular previsto para ser executado até o final do ano letivo. Mesmo assim, foi necessário trabalhar com uma organização temporal e disciplinar de data de entrega para cada etapa das proposições a fim de conseguir sincronizar as atividades temáticas com todos os alunos. Uma aluna desistiu na primeira semana, por não conseguir se familiarizar com a ferramenta, e até novembro ocorreram mais duas desistências, em função de excesso de atividades pessoais (segundo relato das alunas).

O primeiro tema proposto foi “pandemia”, a partir do estudo da vida e obra da artista surrealista espanhola, Remedios Varo (1908-1963). O tema foi ramificado em subtemas com o propósito de auxiliar no processo de produção dos trabalhos, como: isolamento social, coronavírus, máscara, aplicativos de entrega de comida, álcool em gel, serviços essenciais.

Um dos trabalhos desenvolvidos fez alusão direta à obra “Fenômeno 1” (1963) da artista estudada, mas transformou os personagens contextualizando-os a partir de elementos simbólicos da pandemia, como a figura do vírus, a faixa presidencial, remédio e os caixões no chão (fig. 3).



Figura 3. "Cabeça de Cloroquina", de Lailana Jaina Pereira, 2020. A aluna inspirou-se na obra "Fenomeno 1" [1963] da artista surrealista espanhola Remedios Varo. Desenho. Fonte: Acervo da aluna.

Segundo a aluna, a obra de Remedios foi utilizada para remeter a “[...] uma crítica política como o estado brasileiro tem levado a pandemia”. (informação pessoal)². Esse e todos os trabalhos produzidos sob a mesma temática foram postados no Instagram e no perfil pessoal da rede social *Facebook* da professora, suscitando discussões especialmente a partir desse trabalho em específico. Uma usuária comentou na postagem: “Gostaria de saber, se vc (sic) doente (espero que não) sem remédio, sem comprovação e sem recursos se negaria a tomar a cloroquina. Será mesmo que não somos fantoches de político? [...]” (informação pessoal)³.

Quando expostos de forma virtual no *Facebook*, os trabalhos suscitaram diversas reações advindas da polarização política no atual contexto do Brasil, denotando valores de identificação e aceitação com determinadas linhas de ação adotadas pelos governantes, frente à pandemia. Sobre esse espaço de debate, Rey (2019) afirma:

[É] Impensável, hoje, inaugurar uma exposição, promover um seminário ou qualquer evento, sem publicá-lo nas redes sociais do *Facebook* e do *Instagram*, — e mesurar a aceitação pelo número de likes dos amigos. O que dizer, então, sobre os debates em rede, as publicidades de toda classe e gênero, as manifestações radicais tanto de direita quanto de esquerda, e os ativismos de toda sorte? Tanto para o bem, quanto para o pior, o *Facebook* tornou-se a ágora contemporânea (REY, 2019, p. 4).

Em projetos colaborativos, podem surgir os “[...] preconceitos, o mal-estar, o estranhamento que, inevitavelmente, surgem na interação; que encoraja os jovens e educadores a criarem estratégias de negociação e de entendimento desses conflitos”. (CALLEGARO, 2011, p. 146). Pequenos conflitos foram percebidos não só nas exposições virtuais para um público maior, mas também entre o próprio grupo de alunos, que dispunha de diferentes percepções sociais e políticas.

2. Informação fornecida pela aluna Lailana Jaina Pereira, em apresentação dos alunos em grupo no aplicativo de mensagens instantâneas *Whatsapp*, em 27 de julho de 2020.

3. Informação fornecida por uma usuária, em postagem no perfil pessoal da autora Juliana Rossi Gonçalves na rede social *Facebook*, em 29 de julho de 2020.

Atualmente, o uso dessas redes e mídias sociais por meio de dispositivos como computadores e *smartphones* contaminam “[...] irreversivelmente nosso modo de ser e de nos relacionar, nosso modo de comunicar, e de silenciar” (REY, 2019, p.10). As mídias também identificam nossos interesses para a interação em grupos, mas, principalmente, para direcionar-nos à venda de produtos ou experiências.

Por meio de uma apropriação de elementos e conceitos das obras de Remedios Varos, a aluna Magda de Melo (fig. 4) trouxe à tona o trabalho das cientistas brasileiras Jaqueline de Jesus e Ester Sabino, pesquisadoras da Universidade de São Paulo-USP, que sequenciaram o genoma do coronavírus em apenas quarenta e oito horas (GIRARDI, 2020).



Figura 4. Trabalho produzido pela aluna Magda Vitória Fernandes de Melo, 2020. Desenho. Fonte: Acervo da aluna.

O tricô da figura, ao mesmo tempo que representa esse elemento presente nas obras de Remedios, foi utilizado no trabalho para representar o código DNA; segundo o relato escrito da aluna sobre o seu trabalho:

Nas obras de Varo é recorrente a representação das mulheres como figuras passivas e ela apresentava isso através de mulheres tricotando (atividade “feminina”). [...] Coloquei duas mulheres fazendo o mesmo, entretanto no meu desenho o tricô representa a ciência que decifra a natureza (o vírus pendurado na árvore que está no teto da torre) (informação pessoal) .

O trabalho da aluna também trouxe referências relacionadas a uma crítica à desvalorização das ciências no Brasil, aspecto que ficou ainda mais latente na pandemia: “Elas estão numa montanha isolada, esquecida (nuvens e rachadura) e às vezes atacada (flechas cravadas na torre), isso simboliza o descaso, descrença e ataques do governo e da população à ciência.” (informação pessoal)⁵ .

Magda de Melo incorporou em seu trabalho uma discussão atual e importante das mulheres na ciência pois, segundo Grossi *et al.* (2016), no Brasil, “[...] as mulheres têm se posicionado na sociedade. Elas já superaram a desvantagem que tinham na área educacional em relação aos homens” (GROSSI *et al.*, 2016, p. 13), pois, a partir do ano de 2004, passaram a superar os homens em número de inscrições nos cursos em nível de doutorado, crescendo pontos percentuais ao longo dos anos (PESQUISA FAPESP, 2019, s/p.). Dessa forma, o país “[...] é pioneiro entre os países que conseguiram alcançar esse marco histórico da igualdade de gênero no nível mais elevado da formação educacional, o doutorado” (GROSSI *et al.*, 2016, p. 14).

Enquanto na área educacional vemos o crescimento da formação da mulher no Brasil, ao mesmo tempo há três a quatro mulheres mortas

4. Informação fornecida pela aluna Magda Vitória Fernandes de Melo em uma apresentação de alunos em um grupo no aplicativo de mensagens instantâneas *Whatsapp*, em 27 de julho de 2020.

5. Informação fornecida pela aluna Magda Vitória Fernandes de Melo em uma apresentação de alunos em um grupo no aplicativo de mensagens instantâneas *Whatsapp*, em 27 de julho de 2020.

A terceira proposta trabalhada foi a vida e obra da artista japonesa Yayoi Kusama, famosa pelas “bolinhas” presentes em suas instalações, pinturas e objetos. A temática proposta foi “uso de tecnologias”, com os seguintes subtemas: evolução das tecnologias (como medicina, transportes etc.); tecnologia como ferramenta de comunicação; facilidades das tecnologias em nosso dia a dia; vício em tecnologias; tecnologias “antigas”. Rey (2019) confirma:

Apesar de relativamente recente o nosso convívio com essas tecnologias, constatamos impactos de proporções consideráveis em nossos hábitos e modos de vida. Igualmente na arte as ressonâncias e reverberações se fazem presentes de maneira contundente (REY, 2019, p. 4).

A interconexão entre planetas, universo e redes fez-se presente na maioria dos trabalhos desenvolvidos sob essa temática, aludindo diretamente ao círculo, que é uma constante nas criações da artista estudada. Entre outros desenvolvimentos, temos o da aluna Magda de Melo (fig. 6).



Figura 6. Trabalho produzido pela aluna Magda Vitória Fernandes de Melo, 2020. Desenho. Fonte: Acervo da aluna.

A aluna destacou as interconexões entre as pessoas proporcionadas pela *Internet*, conectando entre fios as “bolinhas” de Yayoi. Melo afirma que tentou representar a conexão quase ilimitada entre as pessoas que o ciberespaço proporciona, “[...] como se a *Internet* estivesse também em uma outra dimensão. Nesse plano infinito os seres humanos são esferas e a conexão proporcionada pela *Internet* é visível através dos fios.” (informação pessoal)⁷. Segundo Lévy (2010), “[...] estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação, e cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas desse espaço nos planos econômico, político, cultural e humano” (LÉVY, 2010, p. 23).

A aluna Márcia Amaral fez outra leitura, por meio do reconhecimento das mudanças resultantes do uso das tecnologias e da “[...] extensão das novas redes de comunicação para a vida social e cultural” (LEVY, 2010, p. 12). A aluna refere-se à Foucault (2013), ao fazer uma analogia entre o controle de dados e privacidade das redes e mídias sociais na contemporaneidade e o Panóptico. Em suas palavras:

Escolhi [utilizar a obra de Yayoi] [...] como representação do poder das tecnologias da comunicação exercendo o controle sobre a sociedade. Numa percepção estendida do Panóptico (um olhar que tudo vê), expresse o tipo de arquitetura construída no século XIX por Bentham e utilizado por Foucault para descrever a forma de controle exercido nos presídios, escolas e hospitais, cada uma com sua forma específica de vigilância. Referencio a obra *Vigiar e Punir* de Michel Foucault e faço a crítica às tecnologias de forma geral, que mantêm o poder a partir da vigilância e controle (informação pessoal) .

7. Informação fornecida pela aluna Magda Vitória Fernandes de Melo, em apresentação dos alunos em um grupo no aplicativo de mensagens instantâneas *Whatsapp*, em 23 de setembro de 2020.

8. Informação fornecida pela aluna Márcia Amaral, em apresentação dos alunos em um grupo no aplicativo de mensagens instantâneas *Whatsapp*, em 23 de setembro de 2020.

Márcia Amaral inspirou-se na obra “Eyes flying in the Sky” (2006), de Yayoi Kusama. Os satélites (fig. 7) no desenho da aluna representam a estrutura tecnológica que possibilita o uso da *Internet*. Ao mesmo tempo, os satélites representam o acúmulo de lixo espacial na órbita da Terra e o controle de dados.



Figura 7. “Panóptico espacial”, trabalho produzido pela aluna Márcia Suely Corgozinho Amaral, 2020. Desenho. Fonte: Acervo da aluna.

Márcia Amaral representou o uso da tecnologia “[...] numa visão panóptica onde a partir da representação de ‘múltiplos olhares’ somos controlados através da transmissão de dados pelos satélites em órbitas. No dia a dia parecem invisíveis, mas seus efeitos, continuamente fortalecem o poder de controle e vigilância” (informação pessoal)⁹. A escrita da aluna nos trouxe uma provocação: Seria o ciberespaço o novo panóptico de nossa era?

Os dois trabalhos trouxeram diferentes visões sobre o ciberespaço: um aborda a possibilidade de conexão entre as pessoas, e o outro expõe o controle e vigilância das grandes empresas que detém os dados que emitimos nas redes.

9. Informação fornecida pela aluna Márcia Amaral, em apresentação dos alunos em um grupo no aplicativo de mensagens instantâneas *Whatsapp*, em 23 de setembro de 2020.

Nessa proposta, a partir de uma votação realizada para a proposição de um novo modo de apresentação dos trabalhos, os alunos preferiram apresentar suas produções e ideias aos colegas por meio de videochamada, ao invés de postagem via grupo do *Whatsapp*. A interação na videochamada entre os alunos proporcionou diversas discussões e reflexões, desde os usos da *Internet* como ferramenta política de manipulação e direcionamento de informações, até o emprego de aspectos psicológicos e dados de privacidade dos usuários para instigar o vício em aplicativos e redes sociais. Interessante é que a discussão sobre as virtualidades e as tecnologias se passou através dessas mesmas ferramentas tecnológicas que utilizam a *Internet*, proporcionando relações interpessoais a distância (CALLEGARO, 2011) nesse momento de pandemia.

A estruturação das aulas do ateliê, o percurso poético dos alunos e seus desdobramentos indicaram um percurso cartográfico, manifestado em processos virtuais de ensinar e produzir arte na pandemia.

A cartografia tem origem no campo da geografia, na representação de territórios em mapas. Nas ciências humanas e sociais, é um procedimento metodológico que acompanha os processos de subjetivação, possibilitando representações e o desenvolvimento da imaginação. Para nós, a cartografia parte do conceito de rizoma, de Deleuze e Guattari, como “[...] inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real” (DELEUZE; GUATTARI, 2000, p. 21). Cabe lembrar que os rizomas “[...] não formam uma totalidade, mas um conjunto de linhas em conexão e de referências, cujo objetivo é desenvolver e coletivizar a experiência do cartógrafo” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p. 14); daí que os mapas também têm ampla gama de dimensões. Segundo Deleuze e Guattari (2000):

O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói. Ele contribui para a conexão dos campos, [...] faz parte do rizoma. O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber

modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação (DELEUZE; GUATTARI, 2000, p. 21).

As escritas que os alunos produziram durante o processo artístico são registros cartográficos de caminhos traçados e processos de subjetivação. O cartógrafo observa e reflete nos entremeios, validando o processo antes de se chegar a um produto ou a um lugar. Nas afetações dos encontros consigo mesmo e com os outros, a cartografia possibilita “[...] tanto à manutenção como à criação de novos caminhos” (URIARTE, 2017, p. 42).

Antes do início das aulas do curso do ateliê, o método cartográfico esteve presente no ato de replanejar, ressignificar os conteúdos e a metodologia do ensino da arte, em função da utilização de recursos virtuais na pandemia, por meio da elaboração de novas ideias para o ensino e a pesquisa dos materiais e conteúdos a serem trabalhados nessa nova perspectiva.

O acompanhamento docente, no envio dos esboços ao longo do processo da aprendizagem em artes, também tornou-se uma prática cartográfica, pois conectou a imaginação à criação artística, aos registros escritos e à reflexão utilizando ferramentas virtuais. De certa forma, essas ferramentas também mostraram-se dispositivos cartográficos, ao abrir espaço para a interação entre os próprios alunos, e destes com a professora e também com o público externo, quando a produção foi exposta em redes sociais, operando um caminho entre redes e rizomas.

O método cartográfico possibilita novas composições, mudanças e movimentos percebidos ao longo do processo de pesquisa. A partir das devolutivas recebidas, a professora foi alterando a metodologia em relação às aulas virtualizadas, reformulando as propostas a partir dos erros e acertos. Após um bloco de aulas, ficou perceptível a necessidade

de flexibilização das linguagens que os alunos poderiam utilizar, como fotomontagem digital e colagens. Essa flexibilização, quando explicitada pela professora, repercutiu em uma mudança nos trabalhos produzidos, principalmente dentro da proposta de Hannah Höch, como na colagem realizada pela aluna Evelise Freitag, e também por outros alunos, que passaram a utilizar ferramentas digitais de colagem. Isso não seria possível no ateliê presencial, pois a escola não oferece cursos com ferramentas digitais e não tem estrutura adequada para tal.

O ensino da arte desenvolveu-se na trama das interações sociais e virtuais, pois saiu “[...] da análise do objeto e [foi] para as suas relações e conexões com outros eventos e objetos da vida.” (CALLEGARO, 2011, p. 143). O trabalho artístico atrelado à escrita funcionou como um instrumento crítico à realidade, relacionando a percepção do mundo ao contato consigo mesmo e com os outros. O processo de criação “[...] garante ao sujeito em prática de si, através de suas escolhas, reinventar-se a todo o momento [...]” (LAMPERT; FACCO, 2018, p. 36). As produções desvelam como o contexto afetou diretamente a percepção estética e artística, pois houve um outro tipo de relação com os conteúdos.

O ensino remoto tem a vantagem de uma maior flexibilidade espaço-temporal de produção das atividades. Porém, há a dificuldade de não ter a presença constante do professor, fator que influencia diretamente no processo criativo e ato de criação no curso de ateliê, mas que pôde ser parcialmente suprimido pela organização metodológica, por meio do envio do esboço e da conversa com a professora via ferramenta *Google Classroom*.

Dessa forma, foi visível o quanto a Internet intensificou e estimulou o diálogo coletivo, “[...] devido ao processo de interação nas dimensões do real/virtual, local/global, eu/outro, lugar/não lugar, distante/perto”. (CALLEGARO, 2011, p. 143).

Se as mesmas atividades tivessem ocorrido de modo presencial, os trabalhos teriam sido desenvolvidos de formas diferentes, com ou-

tros temas e, talvez, outras artistas selecionadas. A experiência da produção artística na pandemia foi “[...] estudada e construída na prática da linguagem, na interação com o outro, no ato, por meio de experiências artísticas coletivas”. (CALLEGARO, 2011, p. 146).

Considerações finais

Alguns alunos relataram que a experiência do ateliê *online* foi estimulante, pela possibilidade de produzirem trabalhos de forma mais “livre”. Isso nos leva à hipótese de que alguns cursos do núcleo de Desenho e Pintura da escola seguem um currículo mais voltado ao ensino de técnicas, e são menos reflexivos em relação às questões da contemporaneidade

Segundo Lampert e Facco (2018), o ateliê “[...] é entendido como lugar de ensino e aprendizagem na prática do olhar, um lugar de potência como eixo gerador de um conhecimento que não perpassa somente pelo ensino técnico, mas também pelo senso estético que promove um lugar de mobilidade de forças” (LAMPERT; FACCO, 2018, p. 31). Com a proposição de temas como “pandemia”, “uso de tecnologias” e “liberdade”, por meio do estudo sobre as artistas Remedios Varo, Yayoi Kusama e Hannah Höch, os alunos estabeleceram conexões com seus repertórios imagéticos e conceituais.

Os atos de escrever e, depois, apresentar o trabalho demonstraram ser ótimas estratégias pedagógicas, pois os alunos fizeram relações da vida e obra das artistas estudadas a partir de problemáticas urgentes da contemporaneidade, como a importância da ciência em tempos de pandemia e questões de gênero. A escrita demandou uma pesquisa aprofundada sobre as artistas e sobre os temas em questão; o que fez com que os alunos elaborassem sínteses por meio das linguagens escrita e visual.

Os trabalhos resultaram em experiências artísticas reflexivas individuais, mas tornaram-se também coletivas, no momento em que os alunos apresentaram seus trabalhos no ciberespaço. Os alunos puderam escrever e produzir artisticamente, partindo de suas vivências no ateliê online da Escola de Artes Fritz Alt. Segundo Lampert e Facco:

As vivências seriam os acontecimentos, os que nos atravessam todos os dias, as afecções que acontecem em nossas travessias. As experiências são o que fazemos com tudo isso, o que produzimos e o que muda na maneira como vemos/ olhamos as coisas e o mundo ao nosso redor (LAMPERT; FACCO, 2018, p. 30).

A EAFA existe há mais de cinquenta anos. Entretanto, foi a primeira vez que a modalidade de ensino *online* aconteceu na escola, mostrando-se como um desafio na adaptação das formas de ensino-aprendizagem de artistas-professores das mais diversas áreas das artes visuais.

As práticas cartográficas no ateliê propiciaram processos de subjetivação, novos olhares e reflexões sobre as diversas temáticas tratadas. O curso oportunizou a apropriação de conhecimentos acerca de artistas mulheres, além de ter promovido debates e reflexões a partir das experiências individuais e coletivas dos alunos.

Rey (2019) afirma que “Somos contemporâneos de um mundo em rápidas e drásticas transformações e vivemos um tempo de muitas inquietações. [...] Participamos de tempo de profundo desassossego, — essa palavra tão cara a Fernando Pessoa — em que nada é estável, tudo é fluxo” (REY, 2019, p. 11); principalmente, em tempos incertos de pandemia. Contudo, a experiência do ateliê *online* demonstrou que a *Internet* “[...] aponta possibilidades tecnológicas novas para a produção, circulação da Arte e do ensino da arte que estão assentadas na capacidade da *Internet* de conjugar as funções de grande número de tecnologias” (CALLEGARO, 2011, p. 142). As proposições artísticas demandaram uma nova estruturação dos conteúdos, metodologias, avaliação e exposição.

O ensino remoto promoveu novas relações de ensino-aprendizagem com os alunos e, mesmo com as constantes limitações impostas por

essa modalidade, o ateliê potencializou a criatividade e abriu espaços de visibilidade para artistas mulheres, quase invisíveis na história da arte.

Apesar das dificuldades de acompanhamento na execução dos trabalhos impostos pelas ferramentas virtuais, o ateliê como campo de investigação propiciou resultados criativos e adequados ao momento histórico vivido de isolamento físico e simultaneamente hiper conectado no ciberespaço, propiciando “[...] novas formas de ser/estar/sentir/agir, assim como novas formas de ver/olhar para o lugar onde está e o que faz” (LAMPERT; FACCO, 2018, p. 30).

Com a pandemia, foram criados novos espaços de divulgação da arte, diferentes dos tradicionais, como as galerias e os corredores da escola. O novo espaço proposto de interações sociais e de exposição dos trabalhos foi o ciberespaço, “[...] num contexto coletivo, orgânico e misto, restituindo de uma nova maneira a pluralidade de vozes” (CALLEGARO, 2011, p. 141), promovendo uma experiência social.

Referências

BBC NEWS BRASIL. Coronavírus: OMS declara pandemia. *BBC News Brasil*. 11 mar. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-51842518>. Acesso em: 8 nov. 2020.

BRAGON, Ranier; MATTOSO, Camila. Feminicídio cresce no Brasil e explode em alguns estados. *Folha de S. Paulo*, 22 fev. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/02/feminicidio-cresce-no-brasil-e-explode-em-alguns-estados.shtml>. Acesso em: 7 nov. 2020.

BRASIL. Sobre a doença. *Portal do Ministério da Saúde*. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>. Acesso em: 27 set. 2020.

CALLEGARO, Tânia. Ensino da arte na internet: contexto e pontuações. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 139-149.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. Tradução: Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2013.

GIRARDI, Giovana. Liderado por mulheres, grupo que sequenciou genoma do coronavírus vive fama repentina. *O Estado de S. Paulo*, 4 mar. 2020. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,liderado-por-mulheres-grupo-de-pesquisa-que-sequenciou-genoma-do-coronavirus-vive-famarentina,70003219077>. Acesso em: 7 nov. 2020.

GROSSI, Márcia Gorett Ribeiro et al. As mulheres praticando ciência no Brasil. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 24, n. 1, p. 11-30, abr. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1805-9584-2016v-24n1p11>. Acesso em: 7 nov. 2020.

LAMPERT, Jocielle; FACCO, Marta. Caderno Ateliê: reflexões sobre metodologias operativas no estúdio de pintura. *Matéria-Prima*, Lisboa, v. 6, n. 3, p. 27-36, 2018. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/37790/2/ULFBA_MP_v6_iss3_p27-36.pdf. Acesso em: 9 nov. 2020.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2010.

MACHADO, Bárbara Tavares Schiavon. Documentação de experiências artísticas em livros de artista. *Revista do Colóquio de Arte e Pesquisa do PPGA-UFES*, Vitória, n. 18, p. 76-95, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/colartes/article/view/30356/21298>. Acesso em: 3 dez. 2020.

OLIVEIRA, Andréia Machado. Aspectos biológicos e afetivos em arte e tecnologia. *Porto Arte: Revista de Artes Visuais*, Porto Alegre, v. 24, n. 40, p. 1-15, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/2179-8001.93550>. Acesso em: 3 dez. 2020.

CORONAVÍRUS//BRASIL. *Painel Coronavírus*. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 27 set. 2020.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

REY, Sandra. A notável distopia do sujeito nos mundos virtuais. *Porto Arte: Revista de Artes Visuais*. Porto Alegre, v. 24, n. 40, p. 1-15, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/2179-8001.94209>. Acesso em: 3 dez. 2020.

PESQUISA FAPESP. Títulos de doutorado no Brasil – participação feminina. *Revista Pesquisa Fapesp*, São Paulo, ed. 277, p. 11, mar. 2019. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/titulos-de-doutorado-no-brasil-participacao-feminina/>. Acesso em: 7 nov. 2020.

URIARTE, Mônica Zewe. *Escola, Música e Mediação Cultural*. Curitiba: Appris, 2017.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *WHO - Coronavirus Disease (COVID-19) Dashboard*. OMS. Disponível em: <https://covid19.who.int/>. Acesso em: 8 nov. 2020.

Submetido em: 10/11/2020

Aceito em: 25/11/2020